

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		1 de 11

**HIRATA, E. F. V.**

**2009. Os Jogos Olímpicos e a competição entre as cidades do mundo grego. S.P, Labeca. MAE-USP.**

**[revisão Labeca]**

*Aspectos panhelênicos do séc. VIII incluem os Jogos Olímpicos, o oráculo de Delfos, os poemas homéricos, os estilos artísticos e outras formas de intercâmbio social entre as elites de várias comunidades. A importância dos enterramentos para exposições competitivas declinam à medida que os santuários tornam-se arenas para competições inter-regionais e comunitárias. (Antonaccio, 1995:3-4)*

## **Objetivos**

1. Entender o processo histórico pelo qual os Jogos Olímpicos vão se constituir em espaços (arenas?) privilegiados para o exercício da competição, traço fundamental da vida das *póleis* gregas desde o seu surgimento. Analisar, nesta perspectiva, o porquê do empenho com que as colônias gregas da Magna Grécia e Sicília se dispunham a participar destes eventos, disputando, entre si e com as metrópoles, o reconhecimento da comunidade pan-helênica;
2. Destacar como a Arqueologia com seus dados e seus modelos constitui viés indispensável para esta análise. Apresentar, para a discussão, dados fornecidos pela pesquisa arqueológica na área dos santuários pan-helênicos, onde a presença das diferentes *póleis* é documentada materialmente, e, por vezes datada com segurança, fornecendo dados para os quais a tradição textual é muda.

## **A competição e o espírito competitivo da Grécia metropolitana às colônias do Ocidente**

A competição entre as cidades gregas, fruto do espírito agonístico tão presente em todos os aspectos da cultura grega, pode ser documentada, a partir da época arcaica, no frequente estado de beligerância que domina a história grega. A rivalidade entre as cidades também é perceptível nos festivais pan-

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		2 de 11									

helênicos, entre os quais os Jogos Olímpicos. Era uma ocasião em que se desenvolvia o que já foi classificado de “uma guerra sem armas” e que propiciava o exercício das disputas entre as *póleis*, em situação controlada, definida por regras.

É interessante apontar também que este momento era solenemente aberto por um ritual religioso, o mais significativo da religião grega – o sacrifício – do qual participavam, em comunhão, todos os gregos. Assim, paralelamente à explicitação da disputa latente entre as cidades pelo reconhecimento da superioridade de umas sobre as outras, reafirmava-se a identidade grega frente aos não gregos. Estes não usavam a língua grega, não compartilhavam os cultos nem os princípios artísticos que estavam na raiz do que significava “ser grego”.

Nos Jogos Olímpicos, às disputas entre atletas, somavam-se aquelas entre artistas e poetas, nos concursos que ocorriam paralelamente aos jogos. A competição entre as cidades envolvia, pois, os vários tipos de excelência entendidos como ideais na cidade grega. Ao vencedor cabia, tanto a glória individual pelo feito extraordinário realizado como, e talvez principalmente, o mérito de ter alçado a sua cidade a uma posição de destaque frente à comunidade pan-helênica.

O espírito competitivo, como aponta Antonaccio no trecho citado em epígrafe, aparece muito antes do surgimento dos santuários pan-helênicos e das próprias cidades gregas. É interessante percorrer a longa trajetória de formação das *póleis* e identificar como a competição é um dos traços marcantes neste processo.

As fontes escritas não são de muita valia para os estágios iniciais do processo de formação das cidades gregas, mas a Arqueologia vem, nos últimos cinquenta anos, fornecendo um formidável conjunto de dados que nos permitem propor modelos mais sofisticados de interpretação deste processo.

Neste sentido, podemos citar o estudo sobre a relação entre a religião e a estruturação da cidade antiga, realizado por F. De Polignac. Este autor partiu das fontes textuais tradicionais, como Aristóteles, e chegou às informações advindas das escavações da Grécia e área colonial ocidental. Demonstrou como os santuários urbanos e, especialmente, os extra-urbanos articulavam, por meio de cultos, os laços entre a população que se agrupava na *ásty* (área que abrigava, além de habitações, as edificações de caráter público) e na *khóra* (território arável e onde era praticado o pastoreio, também espaço habitacional), sedimentando

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		3 de 11

a interdependência dos dois espaços, um dos elementos que caracteriza a pólis. Assim, De Polignac enfatiza que a posse do território, fundamento para a estruturação da futura cidade, ocorria através da construção de templos, ao mesmo tempo, na *ásty* e na *khóra*, enraizando cultos e comunidades em um terreno. Embora, nesta obra, De Polignac não aborde a questão dos santuários pan-helênicos, a ênfase na relação entre os cultos e a dinâmica da vida política na Grécia antiga é uma perspectiva que se adequa ao estudo do papel dos festivais cívico-religiosos na vida das cidades gregas.

No que diz respeito ao espírito competitivo característico da cultura grega, dispomos de dados interessantes recuperados pelas escavações arqueológicas de vários sítios gregos, referentes ao período imediatamente anterior ao advento das *póleis*. Nesta época, inadequadamente chamada de Idade Obscura e, em especial, o final do século XI e o X<sup>1</sup> pode ser documentada, com os achados das necrópoles, a competição entre famílias integrantes de elites em formação, fato visível na quantidade e qualidade do mobiliário funerário. Trata-se de famílias que ostentavam e reafirmavam seu poder construindo monumentos funerários repletos de objetos valiosos. Inspirando-se com certeza na tradição oral relativa à época heróica, buscavam reproduzir o aparato das cerimônias fúnebres devidas aos heróis e que, mais tarde, serão consolidadas por Homero na *Ilíada* (como na descrição dos funerais de Pátroclo, por exemplo).

Nesta época, o poder estaria nas mãos daquele que ostentasse maior riqueza – em vida e na morte –, e qualidades de liderança na condução dos conflitos, certamente frequentes em um momento em que as instituições ainda não estavam consolidadas. Estas chefias podem ser associadas aos basileus descritos por Homero na *Odisséia* e cujo poder estava baseado no *consensus*, no uso da coerção, no carisma pessoal, riqueza em objetos, terras, produtos com os quais atraíam seguidores e aliados. A hereditariedade não é direito reconhecido pelos pares, o poder há que ser conquistado e a ostentação de riqueza é um dos procedimentos utilizados na competição pela proeminência entre os pares. Na *Odisséia*, as disputas entre os pretendentes ao casamento com Penélope – e, por conseqüência, à riqueza e talvez ao poder de Ulisses – e a indiferença destes aristocratas diante da figura de Telêmaco podem ser indícios do tipo de autoridade que se instituíam entre as famílias importantes e ricas. A riqueza das oferendas funerárias – com alto índice de objetos em bronze – insere-se, pois, em processo competitivo no âmbito de uma elite que, posteriormente, como grupo, estará à frente do poder político nas *póleis*.

---

1 Todas as datas neste texto são antes de Cristo, a não ser que esteja explicitado diferentemente.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		4 de 11									

Assim, as *tumbas principescas* – como a de Lefkandi, na Eubeia<sup>2</sup> – integram-se ao processo que a Arqueologia vem desvendando em sítios da Idade do Ferro Inicial, a partir do final do século X, em várias regiões da Grécia continental, e que culminará, no séc. VIII, com a emergência da pólis. Para tanto, vale relembrar rapidamente o que ocorreu na Grécia antes desse momento.

No decorrer do século XII, ocorre a progressiva desintegração do sistema palacial micênico que, além de toda sorte de turbulências, provoca o expressivo despovoamento e empobrecimento da vida material, além do corte das relações internacionais características da Idade do Bronze. Esta fase crítica, no entanto, sabe-se hoje, graças às escavações de sítios micênicos por toda Grécia, foi curta.

Logo a seguir, no início do século X, em algumas regiões, como é o caso da Eubeia e da própria Ática (que, aliás, serviu como *área de refúgio* em alguns momentos) percebe-se uma retomada das atividades produtivas e mesmo das relações com outras regiões do Egeu.

A estabilidade da vida se instaura progressivamente e é registrada por meio do aumento exponencial da população, multiplicação das áreas agrícolas em detrimento do pastoreio, da retomada dos contatos com o Oriente e da introdução maciça da metalurgia do Ferro. O século VIII tem sido apontado como um marco neste encadear de transformações; foi visto como a *Renascença Grega* em contraposição ao período anterior, a *Idade das Trevas*.

Na esfera do poder político, a inovação se traduz na consolidação de uma elite proprietária de terras que, pouco a pouco, abarca o domínio e o controle sobre a atividade produtiva principal – a agricultura – e que, para tanto, deve preservar a posse das terras, assumindo o poderio militar. A falange hoplita – o cidadão em armas – substitui o herói homérico, que disputa sozinho a glória do feito bélico. Esta elite confunde-se com o estado grego em gestação, transfere para a esfera pública o seu ideário aristocrático, como será visível, por exemplo, na adoção de competições como a corrida de carros, nos festivais pan-helênicos.

2 Em Lefkandi, na colina Toumba descobriu-se nos anos 1980 uma tumba principesca, datada do início do século X: um homem incinerado e uma mulher inumada, cavalos, em uma grande edificação de forma absidal (10 x 45 m). Durante cerca de uma geração ocorreram refeições rituais em honra do “príncipe”; depois o edifício foi destruído, sobre ele construído um *tumulus* – montículo sinalizador do enterramento – e, então, aparecem ao pé do *tumulus*, tumbas, que certamente pertenciam aos familiares do morto ou a um grupo que desejava estabelecer uma linhagem em relação ao personagem enterrado. Parece estar aqui assinalada a lógica funerária clânica fundada sobre o fundador real ou reinvidicado de uma família. O achado de Lefkandi testemunha a existência, no século X, de uma comunidade próspera, interligada com o Oriente e dotada de uma elite governante suficientemente poderosa para erigir um monumento de tal envergadura quanto o de Lefkandi. A similaridade entre o enterramento de Lefkandi e os funerários descritos pela épica: incineração, armas, cavalos, *tumulus*. O chamado príncipe de Lefkandi foi homenageado como um herói homérico.

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		5 de 11

Como veremos adiante, a tradicional competição entre as famílias integrantes dessa elite será, então, alocada para a disputa entre as cidades quando estas se estruturam politicamente.

Mais uma vez, as escavações arqueológicas trazem evidências do processo em andamento: a partir do final do século IX, acentuando-se significativamente no VIII, vai sendo perceptível no registro arqueológico um redirecionamento do alvo das oferendas valiosas: das tumbas familiares migram para locais de culto<sup>3</sup>. Estes se multiplicam significativamente e ao mesmo tempo que agrupam comunidades de fiéis em torno de cultos comuns, significam a apropriação de um território. Mais tarde, no decorrer do século VII, muitos destes centros de culto serão dotados de uma construção monumental: o templo.

A aparição do templo documenta a existência de uma comunidade suficientemente estruturada e dotada de um poder político capaz de mobilizar recursos e mão-de-obra na execução de uma grande obra que se constituirá na expressão material desta comunidade. A inserção do templo na paisagem define e demarca o espaço social apropriado pela comunidade, é um dos mais significantes sinais da emergência da pólis, entendida como:

(...) uma unidade autônoma politicamente, consistindo de dois elementos: um centro cívico e um território definido, que eram social e politicamente indivisíveis e compartilhavam cultos comuns como *marcadores* de identidade (Morgan, 1994: 4, grifo meu).

Dado o papel crucial que desempenham na vida das comunidades gregas de todos os períodos, os santuários – sejam eles políades ou pan-helênicos – vão se transformando em espaços privilegiados para o exercício da competição. Por representar materialmente uma cidade, o templo cataliza a competição com as demais cidades. A rivalidade inter-cidades passa a ser evidenciada na ostentação de dimensões imponentes e decoração extremamente cuidada, na encomenda a artistas famosos de estátuas das divindades protetoras. A riqueza das oferendas votivas é um elemento a mais a caracterizar o prestígio e a riqueza de uma pólis. Assim, os templos constituem-se em uma das expressões mais vivas da cultura grega:

---

<sup>3</sup> É possível inferir este fenômeno diante da riqueza imobilizada como oferenda votiva: estatuetas de terracota e bronze e muitas vezes grandes recipientes em bronze, as trípedes trabalhadas em bronze, metal extremamente caro e que exigia uma mão-de-obra bastante especializada para a sua produção.

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
<b>labeca</b>		6 de 11

(...) templos devem ser vistos como expressão da identidade da cidade-estado. Como as cidades viviam em guerra umas com as outras o templo e o santuário representam uma manifestação de prestígio e poder na estrutura de uma sociedade competitiva (Marinatos, 1993: 229).

Anthony Snodgrass (1996: 55), com o intuito de apresentar dados sobre a competição entre as cidades gregas, estabelece uma tabela comparativa sobre as medidas encontradas em templos da Grécia, Ásia Menor e Sicília, construídos entre os séculos VIII (?) e V. Demonstra que a rivalidade se instaura primeiro regionalmente: cidades como Selinonte e Agrigento na Sicília, constroem templos “gigantes”<sup>4</sup> que apontam claramente para o uso de edificações monumentais como forma de expressar o poder e a riqueza entre colônias importantes que disputam a primazia no domínio da ilha. Embora esta competição representasse uma resposta à rivalidade regional, siceliota, veremos como o grande objetivo das colônias foi, desde o início, destacar-se em cenário pan-helênico.

Enfim, a competição entre as cidades na Grécia balcânica, pode ser vista como uma continuidade natural, em nível regional, das competições entre as elites que, no século VIII confundiam-se com as pólis emergentes. A partir do momento que cada pólis afirma-se como unidade política autônoma, reconhecida regionalmente pelos seus pares, volta-se para a busca do reconhecimento máximo, que só poderia ocorrer em escala pan-helênica.

Assim, a monumentalização das construções sagradas centrou-se, em um primeiro momento, nas pólis, para depois voltar-se para os santuários fora das fronteiras das cidades. Os mais antigos templos de Olímpia, Delfos e Delos são modestos e percebe-se, claramente, pelas datações dos achados, o direcionamento das pólis no sentido de afirmar-se individualmente para depois poder investir neste cenário maior.

## **As colônias**

A partir do século VIII, concomitantemente com a emergência das pólis na área balcânica, os gregos espalham colônias pelo Mediterrâneo. Na área conhecida como Magna Grécia, que abrange o sul da Península Itálica e, na Sicília, as fundações seguem o modelo das pólis gregas mesmo que ainda em processo de consolidação institucional e política.

---

4      Templo “GT” de Selinonte: 110.12 x 50.07 m, área total: 5.538 m<sup>2</sup>; Zeus Olímpico de Agrigento: 110.09 x 52.74 m, área total: 5.806 m<sup>2</sup>.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		7 de 11									

A área colonial grega do Ocidente é um excelente estudo de caso no que tange à competição entre as cidades, incorporando, em um leque mais amplo, esta disputa. Por outro lado, o caso colonial esclarece, ao explicitar as suas diferenças, a própria situação das metrópoles.

As colônias fundadas não tinham, obrigatoriamente, laços de dependência política ou econômica com as metrópoles mas buscavam preservar e valorizavam muito a sua identidade helênica: conservaram os cultos, os padrões arquitetônicos e artísticos em geral, imitavam as novas tendências em todos os campos, importavam filósofos e artistas. Ao mesmo tempo também buscavam assegurar a sua independência.

A arte provê as colônias de meios efetivos de expressão para demonstrar seu sucesso. Especialmente nos santuários pan-helênicos criava-se o ambiente ideal para o desenvolvimento e a exposição da arte. Na verdade, para todos os gregos os gastos conspícuos com arte eram um sério instrumento para o exercício da rivalidade política (Spivey, 1997: 106-7).

É bastante sintomático que não tenha sido criado um festival similar aos pan-helênicos na área colonial. Este dado é um forte indicativo de que aos colonos importava, sim, o reconhecimento da comunidade de origem. E a isto dedicaram-se, desde os primórdios das fundações: os mais antigos thesaurói dos santuários pan-helênicos foram erigidos não pelos gregos dos Balcãs mas pelos colonos do Ocidente. Para Morgan (1994: 20), isto se explica pelo fato de que as fundações coloniais tinham premência na implantação de seus assentamentos, na definição de suas normas e instituições, para que a cidade tivesse como enfrentar a situação nova e os problemas dela advindos. Por outro lado, buscavam consolidar a sua inserção na comunidade pan-helênica, daí o rápido aporte de sua presença nos santuários pan-helênicos.

### **As cidades e os Jogos Olímpicos**

A emergência da cidade como uma forma de estado e uma forma de vida são contemporâneos do surgimento de um fenômeno religioso original e ao mesmo tempo conseqüente deste arranjo político: os santuários “supra-cidades”.

Nesta categoria incluem-se os santuários pan-helênicos de Olímpia, Delfos, Nemeia. Localizavam-se afastados das maiores cidades da Grécia e, embora sob o controle administrativo de cidades-estado vizinhas ou de uma anfictiônia, assumiam uma aura de neutralidade. Assim, constituíam-se em locais ideais para a interação política. Eram locais onde gregos podiam encontrar

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		8 de 11

outros gregos em condições de igualdade para competir e estabelecer pactos, consignar a superioridade em competições atléticas, ler a propaganda um do outro, sob a forma de inscrições dedicatórias, inteirar-se das novidades. Sem os santuários pan-helênicos, a cultura grega poderia não ter atingido tal riqueza, decorrente da constante exposição a estímulos e variações regionais. Gregos podiam compartilhar com outros gregos as últimas tendências em técnicas e em arte, que traziam de diferentes partes do mundo. Ou, então, como afirma Spivey: Quando não estavam lutando em campos de batalha, Delfos oferecia a estes estados um stadium para disputas atléticas (Spivey, 1997: 126).

Os santuários pan-helênicos eram a arena perfeita para a competição entre todas as cidades integrantes da comunidade cultural grega. Se os templos gregos já eram verdadeiros museus de guerra, o mesmo pode ser dito em relação aos thesaurói, edificações que as cidades construía no espaço dos santuários pan-helênicos. Além da construção arquitetonicamente bem elaborada – reproduzindo um templo em tamanho menor – e da decoração bem cuidada, os tesouros estavam repletos de oferendas valiosas e butins de guerra. Sua função era claramente propagandística. Os butins de guerra eram para ser vistos por todos e possuíam inscrições apropriadas, especificando o vencedor e o vencido. Tanto em Olímpia quanto em Delos, os tesouros estavam localizados em posição de destaque no santuários, próximos das áreas de maior circulação dos visitantes. Quando o grande templo de Zeus foi consagrado em Olímpia, um enorme escudo – troféu da guerra vencida pelos Eleanos – foi exposto, em posição de destaque sobre o pedimento.

Os achados arqueológicos referentes ao santuário de Olímpia tem como nos contar um pouco da história deste sítio e de sua expansão como centro pan-helênico. A atividade cultural tem início no final do século X; os mais antigos bronzes votivos (antes de 800) provém de oficinas peloponésias, possivelmente localizadas na Messênia e na Arcadia. O sítio de Nichoria – o mais escavado na Messênia – revela a grande atividade metalúrgica com a produção de itens como as trípodas, muito semelhantes às encontradas em Olímpia. Neste período mais antigo, Olímpia pode ser caracterizada como um local de encontro de modestos chefes do oeste grego que se reuniam para reafirmar seu status em suas regiões de origem e entre seus pares por meio de dedicações no santuário e talvez até circulação de bens de prestígio (Morgan, 1994: 21).

Mais tarde quando as cidades já estão estruturadas há uma divisão regional dos santuários pan-helênicos: Olímpia era o mais notável centro dórico ocidental, Delfos voltava-se mais para o norte e leste da Grécia (Atenas é particularmente

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		9 de 11

bem representada em Delfos, mas não há tesouro ateniense em Olímpia), as colônias ocidentais são profusamente representadas em Olímpia mas de forma marginal em Delfos. Quanto às listas de vencedores das competições atléticas, em Olímpia também destacam-se os representantes das colônias (Spivey, 1997: 135).

No lado norte do recinto sagrado de Olímpia estavam localizados os tesouros de Siracusa, Gela e Selinonte, na Sicília; Metaponto e Síbaris, na Itália do Sul; Cirene, na costa norte da África.

Os tesouros eram símbolos do poder das cidades que os erigiam pois abrigavam, como já foi dito acima, butins e troféus de guerra, assinalavam, pelas inscrições, vencedores e vencidos. Em síntese, estavam em sintonia com o ambiente altamente politizado do santuário e dos jogos realizados em Olímpia.<sup>5</sup>

A competição nos santuários proporcionava oportunidades também para o estrelato político; não era por acaso que alguns vencedores olímpicos emergiam como políticos de destaque: foi o caso de Cílon, por exemplo. Tucídides [1.126], ao descrevê-lo, destaca três pontos: sua vitória Olímpica, sua origem em uma família nobre e seu poder pessoal. Também a respeito de Címon, vencedor por três vezes sucessivas em Olímpia, atribuía-se alta popularidade em Atenas, o que gerou desconfiança a respeito de seus propósitos políticos e consequente assassinato pelos agentes de Pisístrato (Morgan, 1994: 212).

Nosso enfoque busca demonstrar também que, nos Jogos Olímpicos, entendidos como celebrações de marcado cunho cívico, político e religioso, os líderes políticos tinham a oportunidade ideal de chamar a atenção para si e para as cidades que representavam, na busca do reconhecimento e em certos casos de legitimação de seus projetos políticos (Hirata, 1996/97: 61-72).

Assim, tiranos da área colonial do Ocidente como Hieron de Siracusa e Téron de Agrigento amplificaram a repercussão das vitórias obtidas em jogos pan-helênicos por meio de odes encomendadas a Píndaro, poeta lírico profundamente comprometido com os valores aristocráticos da cultura grega arcaica. Para um político de uma área periférica, que buscava tornar-se um político de sucesso e para isso priorizava projetos de conotação imperialista como o domínio da Sicília grega, a projeção pessoal em um evento que reunia todas as póleis era uma estratégia de comunicação altamente compensatória.

Os Jogos Olímpicos, portanto, desempenharam um papel essencial na dinâmica de interação e competição entre as cidades gregas e suas colônias.

---

5 Ver Spivey (1997: 138), a respeito do tesouro de Mégara comemorando sua vitória sobre Corinto e invocando o relato mítico sobre luta entre os deuses e os gigantes como paralelo.

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		10 de 11

Propiciaram as condições indispensáveis para que as pólis pudessem, de um lado, afirmar sua autonomia, individualidade, a excelência de seus habitantes em habilidades físicas e intelectuais; de outro lado, favoreceram a experimentação continuada da competitividade, a explicitação e afirmação de rivalidades agudas em um terreno relativamente neutro e sob controle. Ao mesmo tempo, acima das disputas, do espírito competitivo, da busca incessante pela primazia, as cidades reafirmavam nos festivais pan-helênicos a sua identidade maior, centrada na prática religiosa, na língua e na arte. Reproduziam, em escala maior, o que era a pólis grega em sua essência: a comunidade de culto, por excelência (Morgan, 1994: 19).

### **Referências Bibliográficas:**

ANTONACCIO, C.

1995. *An Archaeology of Ancestors: Tomb Cults, and Hero cult in Early Greece*. Lanham: Rowman & Littlefield publishers.

HIRATA, E. F. V.

1996/1997 .As odes de Píndaro e as tiranias siceliotas, *Clássica*, 9/10: 61-72.

MORGAN, C.

1993. The origins of Pan-Hellenism. In: Marinatos, N e Hägg, R (eds.): *Greek sanctuaries new approaches*. Londres: Routledge: 18-44.

GEBBHARD, E. R.

1993. The evolution of a pan-Hellenic sanctuary: from archaeology towards history at Isthmia. In: Marinatos, N e Hägg, R (eds.): *Greek sanctuaries new approaches*. Londres: Routledge: 154-177.

MARINATOS, N.

1993. What were Greek sanctuaries? A synthesis. In: Marinatos, N e Hägg, R (eds.): *Greek sanctuaries new approaches*. Londres: Routledge: 228-233.

MORGAN, C.

1994. *Athletes and Oracles The transformation of Olympia and Delphi in the eighth century BC*. Londres: Cambridge University Press.

DE POLIGNAC, F.

1984. *La naissance de la cité grecque*. Paris: La Découverte . Trad. Inglesa: *Cults, Territory, and the Origins of the Greek City-State* (1995). Chicago: The University of Chicago Press.

	<b>Os Jogos Olímpicos e a Competição entre as Cidades do Mundo Grego</b>	Fev / 2010
labeca		11 de 11

RENFREW, C.

1986. Introduction: peer polity interaction and socio-political change. In: Renfrew, C. e Cherry, J (eds.): Peer Polity interaction and socio-political change. Cambridge: Cambridge University Press: 1-18.

SNODGRASS, A.

1986. Interaction by design: the Greek city state. In: Renfrew, C. e Cherry, J. (eds.): Peer Polity interaction and socio-political change. Cambridge: Cambridge University: 47-58.

SARIAN, H.

1996/1997. Culto Heróico, Cerimônias Fúnebres e a Origem dos Jogos Olímpicos, Clássica, 9/10: 45-60.

SPIVEY, N.

1997. Competition and Commemoration. In: Greek Art. Londres, Phaidon :101-168.